

**UMA PIPA NO CÉU, UMA CRIANÇA CORRENDO, A BRINCADEIRA MAIS POPULAR DE
CORUMBÁ-MS.**

**UN COMETA EN EL CIELO, UN NIÑO CORRIENDO, EL JUEGO MÁS POPULAR DE
CORUMBÁ- MS.**

**A KITE IN THE SKY, A CHILD RUNNING, THE MOST POPULAR GAME OF CORUMBÁ-
MS.**

Julian Marcio dos Santos Alves¹

Rogério Zaim-de-Melo²

Deyvid Tenner de Souza Rizzo³

Resumo

Com os objetivos de compreender e analisar como e com quem as crianças aprendem a soltar pipa, mapear os locais de maior incidência de crianças soltando pipa e descrever o vocabulário existente no soltar pipa na cidade de Corumbá - MS foi realizado um estudo de natureza qualitativa com pesquisa de campo, em duas etapas: observações em bairros da cidade para identificar os locais com altas incidências de crianças soltando pipa; e, entrevistas em um festival de pipas na região central de Corumbá - MS, que reuniu mais de trezentas crianças e adolescentes. Participaram da segunda etapa 15 crianças, 09 meninos e 06 meninas. Os dados foram analisados e indicam que os locais de maior incidência de crianças soltando pipa são bairros que oferecem condições melhores de segurança e a transmissão da cultura do soltar pipa, acontece em sua maioria entre pares, crianças coetâneas.

Palavras-chave: Crianças, Cultura Lúdica, Pipa.

Resumen

Con los objetivos de comprender y analizar cómo y con quién los niños aprenden a soltar cometa, mapear los lugares de mayor incidencia de niños soltando los cometas y describir el vocabulario existente en el soltar cometa en la ciudad de Corumbá-MS se realizó un estudio de naturaleza cualitativa con investigación de campo, en dos etapas: observaciones en barrios de la ciudad para identificar los locales con altas incidencias de niños soltando cometas; y entrevistas en un festival de cometas en la región central de Corumbá -MS, que

¹ Acadêmico de Educação Física, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Contato: julianalves44@gmail.com

² Doutor em Educação PUC-Rio, Mestre em Educação Física, USP, docente do curso de Educação Física, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Contato: rogeriozmelo@gmail.com

³ Doutor em Ciências do Desporto, UTAD, Portugal, Mestre em Educação, UFGD, docente do curso de Educação Física, Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Contato: deyvidrizzo1@gmail.com

reunió a más de trescientos niños y adolescentes. Participaron de la segunda etapa 15 niños, 09 niños y 06 niñas. Los datos fueron analizados e indican que los lugares de mayor incidencia de niños soltando cometa son barrios que ofrecen condiciones mejores de seguridad y la transmisión de la cultura del soltar cometa, ocurre en su mayoría entre pares, niños coetáneos.

Palabras clave: Niños, Cultura Lúdica, Cometa.

Abstract

With the objectives of understanding and analyzing how and with whom children learn how to drop a kite, map the places with the highest incidence of children dropping kites and describe the vocabulary of kite dropping in the city of Corumbá-MS, a qualitative study was conducted with Field research, in two steps: observations in city districts to identify places with high incidences of children releasing kite; and interviews at a festival of kites in the central region of Corumbá -MS, which brought together more than three hundred children and adolescents. Fifteen children, 09 boys and 06 girls participated in the second stage. The data were analyzed and indicate that the places with the highest incidence of kite flying are neighborhoods that offer better safety conditions and the transmission of the culture of the kite dropping occurs mostly among peers, coetaneous children.

Keywords: Children, Ludic Culture, Kite.

Introdução

A pipa é um brinquedo simples que causa emoção quando levanta voo e permeia os céus, pode ser feito de várias maneiras e modelos, mas, a mais tradicional é feita com três varetas, geralmente de bambu, papel de seda, um pedaço de linha e rabiola. Um brinquedo que prende a atenção de qualquer um e depende apenas de bons ventos e uma área aberta para o voo da pipa se concretizar.

Em Corumbá, uma das cidades mais antigas do Mato Grosso do Sul (MS), conhecida por sua diversidade cultural e caracterizada como a capital do pantanal basta os ventos aumentarem um pouco, principalmente nos meses de junho a setembro, para se observar o céu todo colorido, pintado de papel de seda. Nas ruas encontram-se crianças, adolescentes e adultos soltando suas pipas, correndo atrás de uma pipa cortada. Percorrendo suas avenidas, alamedas e praças, é perceptível em alguns postes de luz, em árvores, nas fiações elétricas, se enxergar pipas, rabiolas ou linhas enganchadas, principalmente nos períodos de férias escolares na qual a incidência da prática desta brincadeira aumenta, especialmente pelos bons ventos que possibilitam a prática neste período. Para Guerra

(2009) mesmo que não se visualize a pipa no céu em sua temporada de acontecimento é possível saber que ela esteve presente, nos lugares mais altos dos céus pelos vestígios deixados como seus esqueletos presos nos fios de energia elétrica.

A popularidade da pipa é tão grande que são realizados diversos festivais nos bairros da cidade para garantir a segurança das crianças, a ideia é conscientizar sobre o uso do cerol⁴. Há registros da realização de Festivais desde o ano 2000. A pipa mais utilizada pelo corumbaense é conhecida em alguns lugares como “maranhão”, tem formato pentagonal, com três varetas, sendo uma maior e duas do mesmo tamanho.

Ninguém empina pipas só para ver ela voar, o legal é cortar a linha do adversário, “toreá-lo” no ar, se conseguir “limpar o céu” então é felicidade na certa. A possibilidade de uma pipa “toreada” é sinônimo de molecada olhando para o céu, tentando identificar onde essa pipa vai cair, para correr em direção a ela, tentando pegá-la para si.

A presente pesquisa tem os objetivos de buscar compreender e analisar como e com quem as crianças aprendem o soltar pipa, mapear os locais de maior incidência de crianças soltando pipa e descrever o vocabulário existente no soltar pipa na cidade de Corumbá - MS, tendo em vista que a brincadeira é uma manifestação cultural frequentemente praticada na cidade principalmente por crianças.

Referencial teórico

Cultura Lúdica

São vários os estudos que apresentam que a cultura lúdica está presente nos jogos e nas brincadeiras (Oliveira; Souza, 2018; Imbrizi; Jurdi, 2017; Deterding, 2017, Alcântara; Bezerra, 2016; Viana; Resende, 2018), fazendo uso de atribuições da vida comum com um outro sentido remetendo a ideia do “faz-de-conta”, ou seja, parte do indivíduo, a sua interpretação frente a uma atividade e considera-la/torná-la lúdica.

Nessa perspectiva Brougère (1998, p. 24) define que [...] “Dispor de uma cultura lúdica é dispor de um certo número de referências que permitem interpretar como jogo, brincadeira atividades que poderiam não ser vistas como tais por outras pessoas”.

Usa-se a realidade na cultura lúdica, mas de uma forma que podemos enxergá-la de modo menos sério do que o habitual, pois, ela “é, então, composta de um certo número de esquemas que permitem iniciar a brincadeira, já que se trata de produzir uma realidade diferente daquela da vida cotidiana” (Brougère, 1998, p. 3).

⁴ É um material cortante, preparado a partir da mistura de cola de sapateiro com vidro moído que é aplicada nas linhas das pipas para cortar as linhas de outras pipas no ar, numa espécie de desafio com finalidade recreativa. O resultado é uma linha extremamente cortante, que pode trazer riscos (inclusive de morte) para quem aplica e para quem usa a linha com cerol. Além disso, as linhas com cerol trazem riscos para a vida selvagem (em especial pássaros), para pedestres, ciclistas, motociclistas, motoristas de carros conversíveis e aeronaves.

Para o autor é fato que os jogos possuem regras para que seu uso seja satisfatório, mas nem todos exigem regras sistematizadas, a cultura lúdica até compreende essa sistematização dos jogos e suas regras, mas, não se restringe somente a eles, fazendo então uso de jogos com regras vagas, imprecisas, “o que se poderia chamar de esquemas de brincadeiras, para distingui-los das regras *stricto sensu*”, e deste modo a “cultura lúdica evolui com as transposições do esquema de um tema para outro.” Ibid p.3.

A cultura lúdica possui uma diversidade enorme levando em consideração a cultura da criança, de acordo com Monteiro (2014) que baseado em Freud, afirma que o infante ao brincar, cria, recria e entra em contato com sua cultura no campo simbólico, distanciando do real, protegendo-se das frustrações que pode sofrer nesta última instância, e assim sua cultura lúdica sofre transformações seu modo de pensar e agir sobre ela muda conforme a idade vai se passando, nenhuma se perdura a mesma por tanto tempo.

Além do fator idade, também se diversifica “conforme o meio social, a cidade e mais ainda o sexo da criança.”, bem como “é interessante observar que a cultura lúdica das meninas e dos meninos é ainda hoje marcada por grandes diferenças [...]”ibid. pg. 3.

Transmissão da Cultura Lúdica

A cultura, em especial a cultura lúdica é algo que perpassa pelo tempo havendo uma conservação da mesma, mas para além da conservação feita pelo os indivíduos, existe a transmissão dessa cultura definida por Cavalli, Sforza e Feldman (1981) como um paralelo à noção de transmissão biológica. Por analogia, a transmissão cultural permite a um grupo perpetuar uma característica nas gerações subsequentes por meio de mecanismos de ensino e aprendizagem.

Portanto antes de brincar é preciso aprender a brincadeira, para isso é necessário a

[...] superação de patamares lúdicos cada vez mais elevados a reclamarem o crescimento do grau de exigência, começado com simples brincadeiras iniciáticas até se deter nos jogos jogados com obediência a regras extensas e muito bem definidas, obriga, antes do mais, a que nos detenhamos nos seus elementos constitutivos. (SILVA, 2011. p. 242)

A transmissão cultural da brincadeira bem como qualquer outra cultura tem a característica de não se consumir sem estar inserido em qualquer contexto social, em suma de preferência aquele que não compete a sua realidade e sua aprendizagem depende única e exclusivamente do indivíduo em querer aprender a brincadeira.

Silva (2011. p. 242) aponta que

Para Delalande (2001: 225-7) e Pontes e Magalhães (2003: 120-2) são quatro os pilares em que assenta a transmissão da cultura do jogo e da brincadeira que dá vida e substância à sociedade das crianças: o grupo de pares, a estrutura do brinco, o comportamento do mais experiente em relação ao aprendiz e o comportamento deste em contexto.

Deste modo, vemos que a transmissão dessa cultura ocorrerá principalmente na infância podendo ser de diversas maneiras utilizando as relações entre pares de criança-criança ou até adulto-criança, as diferenças estão na sistematização do ensino/aprendizagem.

Aspectos Metodológicos

A metodologia utilizada para alcançar os propósitos deste trabalho foi de natureza qualitativa, que “implica uma partilha densa com pessoas, fatos e locais que constituem objetos de pesquisa, para extrair desse convívio os significados visíveis e latentes que somente são perceptíveis a uma atenção sensível” (Chizzotti, 2003, p. 221). A pesquisa priorizou aspectos da realidade que não podem ser quantificados, procurando interpretar os fenômenos, acontecimentos, valores, atitudes bem como a atribuição de significados a partir das observações realizadas.

Para a produção dos dados empíricos foi realizada uma pesquisa de campo, em duas etapas: a primeira, nos meses de junho e julho de 2018, na qual realizaram-se observações em bairros da cidade com a intenção de identificar os locais com as maiores incidências de crianças soltando pipa; e a segunda, em meados de julho com a realização das entrevistas em um festival de pipas na região central de Corumbá, o qual reuniu mais de trezentas crianças e adolescentes. Participaram da segunda etapa 15 crianças selecionadas aleatoriamente, 09 meninos e 06 meninas.

No festival, inicialmente buscou-se identificar as crianças que estavam aprendendo ou soltando pipa, acompanhada dos responsáveis. As entrevistas foram feitas com crianças de 6 a 12 anos que estavam acompanhadas dos pais ou responsáveis, que autorizaram a conversa com as mesmas. A entrevista iniciava-se com os pesquisadores explicando para as crianças os motivos da pesquisa: “Nós não sabemos soltar pipa, você pode nos explicar como podemos aprender, vocês nos ensinam?” Após essa fala inicial, as crianças começavam a verbalizar e em muitas vezes a gesticular explicando, ensinando os pesquisadores a soltar pipa, expressando-se livremente do modo que quisessem. O vocabulário da brincadeira surgiu naturalmente nas conversas. Quando acontecia, os pesquisadores questionavam o significado das palavras empregadas. Nas entrevistas houve apenas uma pergunta comum todos: “Com quem você aprendeu a soltar pipa?”.

Utilizou-se a análise de conteúdo para a categorização dos dados produzidos.

Resultados e Discussão

Os dados serão apresentados em 03 grupos: I- Maior incidência de crianças soltando pipa; II- Transmissão da cultura lúdica; e III – Vocabulário da Pipa.

I- Maior incidência de crianças soltando pipa

Os locais com maior incidência de crianças soltando pipa foram os bairros Nova Corumbá, Popular Nova e Centro América, apesar de outros bairros apresentarem grande quantidade de “pipeiros” a maioria não era criança e sim, adolescentes e até adultos. Sendo assim especula-se que uma das razões para esse alto número de “pipeiros” nos bairros encontrados é devido a presença de grandes espaços abertos, campinhos de futebol e também o número de escolas, o que possibilita as crianças soltarem pipa com segurança e espaço.

Percebe-se que a cultura lúdica é socialmente vivida e transformada por diferentes gerações, nesta cidade, nota-se o valor desta brincadeira também para os adultos. Nesse aspecto, Santos (1997) diz que o adulto que volta a brincar não se torna criança novamente, apenas convive com brinquedos e brincadeiras revivem e resgatam com prazer a alegria do brincar, por isso é importante o resgate desta ludicidade.

II – Transmissão da Cultura Lúdica

A maneira que uma criança aprende a brincar, seja com seus pares, ou indivíduos mais velhos, caracteriza os meios de transmissão da cultura lúdica. Silva (2011) afirma que essa transmissão pode ser realizada de quatro maneiras: vertical e oblíqua (entre adultos e crianças), horizontal e paralela (entre pares, indivíduos coetâneos). Na transmissão vertical, existem laços biológicos ou adotivos, na transmissão oblíqua não há parentesco. Horizontalmente a transmissão acontece entre pares, indivíduos coetâneos que não sejam parentes, a transmissão paralela é semelhante a horizontal, mas com a necessidade dos indivíduos serem aparentados ou com uma relação social duradoura. O quadro a seguir traz informações de como que as crianças corumbaenses aprendem a soltar pipa.

Quadro 1 Transmissão da cultura lúdica

Vertical	<i>Aprendi a soltar pipa quando tinha 6 anos e aprendi com meu pai (Criança 1) ...estou aprendendo com a minha mãe (Criança, 4) Meu pai está ensinando (Criança 9)</i>
Oblíqua	<i>Eu tenho 4 anos e aprendi soltar pipa esse ano, aprendi na escola com a professora (Criança 6)</i>
Horizontal	<i>Aprendi a soltar pipa com meu irmão, eu só ficava o vendo ele subindo a pipa até que um dia eu decidi pedir para ele me ensinar, aí ele me explicou como eu tinha que fazer (Criança, 3) Eu aprendi a soltar pipa com meu irmão, não me lembro muito bem, mas, ele me ensinou a catar, eu não sei subir e ele só me deixava catar quando não tinha outra por perto se não, iriam torear a dele e ele iria brigar comigo (Criança 5) Meu irmão me ensinou (Criança 12) Pedi para o meu irmão me ensinar (Criança 13)</i>

Paralela	<i>Vendo os guris solta pipa na rua (Criança 2)</i> <i>Eu aprendi a soltar pipa comigo mesmo, sozinho na rua, eu via os guris na rua e depois tentava (Criança 7)</i> <i>Aprendi com os outros guris (Criança 8)</i> <i>Aprendi na rua com outros guris (Crianças 10 e 11)</i> <i>Na rua com os meus amigos (Crianças 14 e 15)</i>
----------	--

Fonte: dados da pesquisa (2018)

A transmissão da cultura do soltar pipa é realizada em grande maioria entre pares, indivíduos coetâneos, sejam eles aparentados ou não. Diferente de grandes metrópoles, no município de Corumbá, ainda é possível brincar na rua, neste contexto a transmissão paralela ganha destaque, como afirma a criança 7: *Eu aprendi a soltar pipa comigo mesmo, sozinho na rua, eu via os guris na rua e depois tentava*. Ponte e Magalhães (2003) em estudo que investigou os fatores relacionados à transmissão da cultura do brinquedo afirmam que o grupo de coetâneos é determinante na transmissão da cultura da brincadeira. Zaim-de-Melo (2017) em estudo sobre a cultura lúdica de crianças pantaneiras observou situação semelhante no jogo de bolita, as crianças aprenderam a jogar observando as outras crianças.

III – Vocabulário da Pipa

Dominar o vocabulário de um jogo ou um brinquedo é essencial para poder praticá-lo (Brougère, 1998). Para soltar pipa em Corumbá e ter sucesso na brincadeira é preciso conhecer os seguintes vocábulos utilizados principalmente pelas crianças:

Abaixar: abaixar a pipa para recolhê-la;

Aparar: pegar com sua pipa outra pipa que está no ar;

Catar: movimentos feitos na linha fazendo com que a pipa vá para os lados ou para baixo;

*[...] puxo ela e deixo o vento levar e depois só descarrego a linha, depois que eu subir eu faço movimentos com a mão, começo a **catar** e só isso (Criança 2).*

Cerol: mistura de cola e vidro, para ser passada na linha;

*[...] porque eu ainda não sei né e a minha mãe não deixa usar **cerol**. (Criança 8).*

Cruzar: quando um pipeiro tenta cortar o outro;

Cruzo: ato de cruzar;

De menos: quando um dos participantes do cruzo está com menos linha;

Embolo: encontro de duas pipas de modo que se enrosquem sem se cortar;

Empinar: segurar na parte inferior da pipa, próximo a rabiola e levantá-la para cima o mais alto possível.

*Não preciso de alguém **empinando** a pipa, apenas começo a **tentear** (criança 7).*

Estancou: quando acidentalmente a linha da pipa arrebenta;

Foi embora: pipa que foi cortada e ainda está no ar;

Linhão: ser cortado com grande quantidade de linha;

Limpar o céu: cortar várias pipas;

Na mão: quando sua pipa está bem longe e alguém tenta corta-la

Rabiola: pedaço de linha com várias fitas (geralmente feitas de sacola), amarradas pela linha.

Rodeando: pipa rodando no alto por falta de rabiola;

Tá na mão: expressão usada quando se consegue pegar primeiro uma pipa que foi cortada;

Tentear: usar uma das mãos para dar puxões na linha fazendo a pipa subir;

Torear: cortar ou ser cortado por outra pipa;

*[...] se tem outra pipa perto eu pego e solto mais pra lá pra não **torear** a minha (Criança 10)*

Torei: quando em um combate de pipas, sua linha consegue romper a outra linha;

Toreou: outro pipeiro consegue cortar sua linha.

Tubão: carretel com 500 metros de linha.

Considerações Finais

Empinar pipa mexe com o imaginário de muita gente, e com os autores deste artigo não seria diferente. A realização deste estudo nos permitiu reviver momentos de nossas infâncias, quando torcíamos para que a temporada de ventos começasse para alçarem suas pipas, toreando as pipas dos outros. Assim como os dados desse estudo indicaram também aprendemos a soltar pipa com outras crianças, que mesmo com os avanços tecnológicos, essa prática continua sendo a principal forma de transmissão da cultura da brincadeira entre as crianças.

Como foi dito no início desse texto, em Corumbá-MS encontramos crianças soltando pipa na cidade inteira, mas parece haver uma conscientização das pessoas mais velhas, uma vez que os locais com maior incidência de pipeiros mirins propiciam segurança aos brincantes, não correndo os riscos apontados por Plinta (2016), ao soltar pipas as crianças focam sua visão e atenção somente no brinquedo, parecem esquecer-se de tudo ao seu redor, expondo-se a diversos acidentes, principalmente quando uma pipa vai embora após ser cortada, muitas crianças na tentativa frenética de tentar pegá-la outras em recuperação torna-se possíveis vítimas de acidentes de trânsito.

O vocabulário do pipeiro traz regionalismos em alguns vocábulos como, por exemplo, a expressão “tá na mão”. As crianças deste estudo dominam esse linguajar, independentemente de serem meninos ou meninas, uma vez que nessa cidade soltar pipa

não coisa de menino ou coisa de menina, é sim coisa de criança, e em alguns casos adolescentes e adultos.

Notamos que estes momentos de brincadeira, nomeadamente na transmissão da cultura lúdica por meio da pipa, oferecem oportunidades de desenvolvimento para crianças e adultos de várias idades, que por meio do brincar aprendem a “experimentar o mundo” em diferentes contextos e épocas, favorecendo o fortalecimento de novas relações sociais naturais e divertidas.

Referências

Alcântara, C. S. DE; Bezerra, J. A. B. (2016) *O lúdico, a escola e a saúde: a educação alimentar no gibi. Trabalho, Educação e Saúde*, 14 (3) 889–904.

Brougère, G. (1998) *A criança e a cultura lúdica. Revista da Faculdade de Educação*, 24 (2), 103-116.

Cavalli-Sforza, L. L., & Feldman, M. W. (1981). *Cultural transmission and evolution: a quantitative approach* (16). Princeton University Press.

Chizzotti, A. (2013) *A Pesquisa Qualitativa em Ciências Humanas e Sociais: Evolução e Desafios. Revista Portuguesa de Educação*, 16 (2), 221-236.

Deterding, S. (2017) Situated motivational affordances of game elements: A conceptual model. *ACM. University of York*, 8 (10)

Guerra, V. (2009) *Temporadas de brincadeiras*. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

Monteiro, C; Delgado, A. (2014) *Crianças, Brincar, Culturas da Infância e Cultura Lúdica: uma análise dos estudos da infância. Saber & Educar*, 19, 106-115.

Oliveira, V. M. DE; Souza, J. (2018) *A infância, o brincar e o jogar: reflexões a partir do referencial teórico de Norbert Elias. Educação em Revista*, 34

Plinta, F. (2016) et al. *A Física nos Brinquedos (pipa). Ciência é minha praia* 1, (1.)

Pontes, F. e Magalhães, C (2003). *A Transmissão da Cultura da Brincadeira: algumas possibilidades de investigação. Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16 (2): 117-124.

Resende, B (2018). *O corpo, o lúdico, e o bem-viver. Psicologia USP*, 29 (3), 323–324

Santos, S. M. P. (1999) *Brinquedo e infância: um guia para pais e educadores*. Rio de Janeiro, RJ

Silva, A. (2011) *Jogos, Brinquedos e Brincadeiras: trajectos intergeracionais*. Tese de doutorado, Universidade do Minho, Minho, Portugal.

Viana, C. V. A.; Imbrizi, J. M.; Jurdi, A. P. S. (2017) *Narrativas sobre o brincar: aproximação da experiência infantil. Psicologia e Sociedade*, 29.

Zaim-de-Melo, R. (2017) *Jogar e brincar de crianças pantaneiras: um estudo em uma “Escola das Águas*. Tese de doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.